

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Danielle Silveira Moreira

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um lugar gênero?
- Estudo de caso sobre docência masculina-

Porto Alegre
1. Semestre
2018

Danielle Silveira Moreira

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um lugar gênero?
- Estudo de caso sobre docência masculina-

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Professor Paulo Peixoto de Albuquerque.

Porto Alegre

1. Semestre

2018

Dedico este trabalho a minha mãe que, com muito amor, carinho e apoio, me incentivou a percorrer esta trajetória e a concluir esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter me dado o privilégio de viver com saúde e por me proporcionar aprendizagens ao longo dessa caminhada. A minha família por todo carinho e apoio, mas dedico especialmente esta, assim como todas as demais conquistas, à minha querida mãe Ana. Agradeço por estar sempre presente na minha vida em todos os momentos difíceis, me incentivando a prosseguir e me dando colo quando preciso. E, principalmente, por nunca ter medido esforços para me proporcionar o melhor, inclusive uma educação de qualidade.

Dedico um agradecimento especial ao meu orientador Paulo Peixoto de Albuquerque, por instigar o meu pensar e por possibilitar que eu fizesse meu trabalho com autonomia. Agradeço pela paciência nos momentos de orientação, por me compreender e me acalmar nos momentos de angústia. Teu incentivo e otimismo foram fundamentais para a conclusão desta monografia. Agradeço as professoras Carmen Machado e Darli Collares que prontamente aceitaram meu convite para serem componentes da banca e por estarem participando de uma etapa tão especial em minha vida. Gostaria de dedicar meus agradecimentos, também, aos entrevistados que compartilharam comigo sua experiência e visão acerca do tema, tornando possível a realização dessa pesquisa.

Aos meus amigos, agradeço pela preocupação, pelas energias positivas e pelo carinho neste momento tão importante para mim. Gostaria de dedicar um agradecimento especial ao meu querido amigo Jânio, Gerson, Leo e a minha prima Jéssica que trouxeram contribuições importantes para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Finalmente, agradeço a todos que me acompanharam direta ou indiretamente nessa trajetória da minha vida.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem o objetivo de analisar como a docência do profissional do sexo masculino acontece na Educação Infantil e de que modo esta atuação é percebida a partir de diferentes óticas (docentes, acadêmicos e gestoras). O problema de pesquisa parte da dificuldade em compreender a complexidade e o lugar de gênero na docência no espaço da Educação Infantil. Isto é, como os professores, gestoras e acadêmicos concebem o lugar da docência a partir de um diferencial de gênero (masculino). A metodologia adotada foi através de entrevistas direcionadas e análise do discurso de nove entrevistados, sendo eles: três professores homens, três acadêmicos do curso de pedagogia e três gestoras que atuam em escolas de Educação Infantil. Como aporte teórico para realizar as análises, foram utilizadas as seguintes autoras: Flores (2000), Sayão (2005), Felipe (2006) e Jaeger e Jacques (2017). As categorias de análise foram construídas a partir dos discursos, e, aquela que mais se evidenciou diz respeito à concepção histórica reiterando que maternagem e cuidado ainda são fatores que concorrem para uma atuação docente na Educação Infantil predominantemente feminina.

Palavras-chave: Gênero. Professor homem. Docência masculina. Educação Infantil.

MOREIRA, Danielle Silveira. **Docência na Educação Infantil: um lugar gênero?** Estudo de caso sobre docência masculina. Porto Alegre: UFRGS, 2018. 59 f. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Educação, curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

| | |
|---|----|
| TABELA 1 – Dados do Brasil referente a 2017 | 24 |
| TABELA 2 – Dados do Rio Grande do Sul referente a 2017..... | 24 |
| TABELA 3 – Dados do Brasil referente a 2016 | 25 |
| TABELA 4 – Dados do Rio Grande do Sul referente a 2016..... | 25 |
| TABELA 5 – Evolução de 2016 e 2017 referente ao Brasil..... | 26 |
| TABELA 6 – Evolução de 2016 e 2017 referente ao Rio Grande do Sul | 26 |
| | |
| QUADRO 1 – Situações e justificativas ocorridas com professores homens ... | 22 |
| QUADRO 2 – Percepção de gênero nos diferentes cargos (Professores)..... | 33 |
| QUADRO 3 – Percepção de gênero nos diferentes cargos (Acadêmicos) | 34 |
| QUADRO 4 – Percepção de gênero nos diferentes cargos (Gestoras) | 34 |
| QUADRO 5 – Justificativa sobre a questão de gênero nos diferentes cargos (Professores)..... | 36 |
| QUADRO 6 – Justificativa sobre a questão de gênero nos diferentes cargos (Acadêmicos) | 37 |
| QUADRO 7 – Justificativa sobre a questão de gênero nos diferentes cargos (Gestoras) | 38 |
| QUADRO 8 – Justificativa para maior número de mulheres em relação a homens na Educação Infantil (Professores)..... | 39 |
| QUADRO 9 – Justificativa para maior número de mulheres em relação a homens na Educação Infantil (Acadêmicos) | 40 |
| QUADRO 10 – Justificativa para maior número de mulheres em relação a homens na Educação Infantil (Gestoras) | 40 |
| QUADRO 11 – O gênero exerce influência no modo de cuidar ou não? (Professores)..... | 42 |
| QUADRO 12 – O gênero exerce influência no modo de cuidar ou não? (Acadêmicos) | 43 |
| QUADRO 13 – O gênero exerce influência no modo de cuidar ou não? (Gestoras) | 44 |
| QUADRO 14 – O gênero exerce influência no modo de educar ou não? (Professores)..... | 46 |

| | |
|--|----|
| QUADRO 15 – O gênero exerce influência no modo de educar ou não? (Acadêmicos) | 47 |
| QUADRO 16 – O gênero exerce influência no modo de educar ou não? (Gestoras) | 47 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 2. RETROSPECTO DA CONCEPÇÃO DE CRIANÇA E DE ESCOLA | 10 |
| 2.1. SENTIMENTO DE INFÂNCIA | 10 |
| 2.2. ATUALIZANDO O (S) CONCEITO (S) DE CRIANÇA E INFÂNCIA..... | 12 |
| 2.3. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NA EUROPA..... | 14 |
| 2.4. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL..... | 17 |
| 2.5. EDUCAÇÃO E LEGISLAÇÃO..... | 18 |
| 3. INFÂNCIA E QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 20 |
| 3.1. CONCEPÇÕES DE GÊNERO NA ÁREA PROFISSIONAL..... | 20 |
| 3.2. SITUANDO A QUESTÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 23 |
| 3.3. LUGAR DE GÊNERO HISTORICAMENTE CONSTRUÍDO | 26 |
| 3.4. DIMENSÃO DO CUIDADO E EDUCAÇÃO RELACIONADOS AO GÊNERO | 28 |
| 4. NA PERCEPÇÃO DE GÊNERO UMA LÓGICA SOCIAL? | 30 |
| 5. NA CORRELAÇÃO DOS FATOS COM A TEORIA: UMA LÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL SE EVIDENCIA | 32 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 49 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 52 |
| APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 56 |
| APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO – EDUCAÇÃO INFANTIL E DOCÊNCIA | 57 |

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso não é somente um exercício protocolar para finalizar uma graduação. Este TCC representa muito mais do que isso, é também uma forma de expressar o meu pensar sobre a profissão, sobre minha trajetória no curso de pedagogia em uma Universidade pública. As questões que me interpelaram desde o princípio sobre a educação começaram na escolha do curso de pedagogia e não outro. A decisão por cursar esta graduação foi determinada por minha vontade em exercer uma profissão em que eu pudesse contribuir significativamente na vida das pessoas.

Escolhi pedagogia para ser um agente que contribua para uma sociedade melhor. Penso que a escola é um espaço de discussões e mudanças, pois através de pequenas ações podemos construir uma sociedade melhor a cada dia. Ao longo do curso, decidi que gostaria de atuar na Educação Infantil. Ser professora desta etapa inicial da Educação Básica implica em lidar com crianças desde a sua mais tenra idade, ou seja, momento fundamental na constituição dos sujeitos.

A escolha por cursar licenciatura em pedagogia se confirmou na medida em que eu transitava na grade curricular. As disciplinas não somente abriam pistas para novas questões, como também faziam resignificar à docência. Assim, a temática da Educação Infantil se apresentou como aquela que impulsionou o meu pensar, pois se trata de um espaço significativo por ser justamente o primeiro momento de escolarização das crianças e nela o professor passa a ter um lugar simbólico e importante. Quem não lembra do (a) seu (sua) primeiro (a) professor (a)? Por estes motivos, percebe-se que as questões de gênero marcam diretamente esta etapa escolar.

Considerando isto, o tema do presente trabalho diz respeito à inserção do homem no trabalho docente com turmas de Educação Infantil. A definição pela temática em questão se deu através de uma discussão que tivemos em uma aula de seminário. Neste diálogo, foi dito que os professores do sexo masculino tinham dificuldades em conseguir exercer seu trabalho com crianças dessa faixa etária. Antes dessa conversa, eu não tinha conhecimento sobre este tipo de preconceito/receio em relação aos profissionais homens. Se os

cursos de licenciatura em pedagogia são destinados a quaisquer pessoas, independente do sexo, porque deveria existir tal distinção?

A partir disso, surgiu a curiosidade em compreender os fatores que motivam essa discriminação, de que forma ocorre e se realmente acontece. Acredito que esta visão relacionada aos professores homens deve ser “desmistificada”, pois não se trata apenas de um trabalho, mas também, de um sonho de muitos profissionais que geralmente não têm grandes oportunidades nessa área.

Visto isso, o objetivo dessa pesquisa é de analisar como a docência do profissional do sexo masculino acontece na Educação Infantil e de que modo esta atuação é percebida a partir de diferentes óticas (docentes, acadêmicos e gestoras). Dito de outra forma, através de um estudo de caso (Yin, 2001) ¹ buscou-se verificar como um grupo de pessoas envolvidas com a Educação Infantil percebe a atividade docente dos homens nesta etapa da Educação Básica. O problema dessa pesquisa parte da dificuldade em compreender a complexidade e o lugar de gênero na docência no espaço da Educação Infantil. Isto é, como os professores, gestoras e acadêmicos concebem o lugar da docência a partir de um diferencial de gênero (masculino). O trabalho está organizado da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, é apresentado um retrospecto sobre a concepção de infância; do seu surgimento até os dias atuais. Trás, também, um breve histórico da origem das escolas de Educação Infantil na Europa e no Brasil. Em seguida, apresenta uma síntese sobre esta etapa da educação básica na legislação de nosso país. O segundo capítulo, apresenta as concepções de gênero nos diferentes campos profissionais, bem como, na Educação Infantil. Aborda na perspectiva histórica sobre como se constituiu o lugar de gênero em nossa sociedade, assim como os princípios indissociáveis (cuidado e educação) desta etapa escolar associados à questão de gênero. O capítulo seguinte refere-se à metodologia adotada na presente pesquisa. Logo após, são apresentados os dados coletados, bem como as análises realizadas com base nas respostas dos entrevistados. E, por último, as considerações finais a cerca de todo o percurso e resultados do trabalho.

¹ YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e Métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

2. RETROSPECTO DA CONCEPÇÃO DE CRIANÇA E DE ESCOLA

Neste capítulo, o retrospecto histórico é usado como um "recurso heurístico"² para se chegar aos resultados e questões mais complicadas de modo rápido e fácil. Pelo retrospecto da concepção de criança e escola, obtém-se um conjunto de informações sobre processos e fatos ocorridos no passado que contribuem para a compreensão do presente. Nesse sentido, a história pode relatar as mudanças ocorridas, não só de uma comunidade, mas também os diferentes tipos de eventos que afetaram a(s) criança(s) e os modos de organização da escola.

Em sentido amplo, o ser criança tem a ver com o sentimento de infância e educação com as vivências no espaço escolar. Por isso, se faz necessário estabelecer as balizas para compreender o lugar da criança, do professor e da escola nesta relação que aparentemente se apresenta tão simples.

2.1. SENTIMENTO DE INFÂNCIA

Durante muitos séculos, a sociedade não reconhecia a criança como um indivíduo diferente do adulto, que tivesse suas particularidades e que necessitasse de cuidados. Segundo o autor Phillippe Ariès, até o século XII não havia uma preocupação em relação à infância. Em sua obra intitulada "História Social da Criança e da Família", Ariès (1981) aponta que o sentimento de infância passou a existir e se desenvolver a partir do século XIII. Anteriormente, as crianças eram consideradas como adultos em miniaturas e a infância era vista apenas como uma fase de transição, sem muita importância e que não deixaria muitas recordações. Elas conviviam com os adultos, sem distinção alguma no modo como eram tratadas.

De acordo com Ariès (1981) até o século XII, a infância era uma fase da vida que passava despercebida na sociedade, de modo que não era digna de

² Estratégia usada para descobrir ou investigar algo.

ser retratada através da representação artística (pintura). Isso comprova que a criança não possuía um espaço importante na sociedade, visto que não existia uma vestimenta própria e produções artísticas que caracterizassem a infância como um período específico e diferente da vida adulta. Segundo o autor, quando havia alguma representação da criança na arte, a mesma era retratada com trajes, ofício e características físicas de adultos.

Ariès (1981) aponta que até a época do Antigo Regime, havia uma alta taxa de mortalidade infantil, devido às condições de saúde e higiene precárias. Portanto, a morte era um acontecimento considerado corriqueiro, inevitável e sem importância para a sociedade. Por este motivo, os pais não costumavam apegar-se à prole, pois eram mínimas chances de sobrevivência. O autor menciona que muitos genitores não se preocupavam em recordar a idade, nome ou número de filhos. As crianças que faleciam e até mesmo as que sobreviviam não eram retradas nas pinturas, pois conforme Ariès (1981, p. 56):

Ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; no segundo, o da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança: havia tantas crianças, cuja sobrevivência era tão problemática.

Devido a isso, eram geradas mais crianças com a consciência de que apenas algumas se conservariam. Ariès (1981) afirma que no País Basco se tinha o hábito de enterrar as crianças que não eram batizadas no pátio de suas casas. O autor menciona que “a criança era tão insignificante, tão mal entrada na vida, que não se temia que após a morte ela voltasse para importunar os vivos”. (ARIÈS; 1981, p. 57). Observa-se que esse sentimento de infância era caracterizado pela indiferença, visto que a possibilidade de perda era muito grande. O autor afirma que, “Não devemos nos surpreender diante dessa insensibilidade, pois ela era absolutamente natural nas condições demográficas da época”. (ARIÈS; 1981, p. 57-58).

Durante o século XIII ao XVII, as condições demográficas da época não apresentaram grandes modificações, visto que a taxa de mortalidade permanecia alta, mas a partir desse período passou-se a reconhecer que a

criança tinha uma alma imortal. Levando isso em consideração, as crianças que morriam passaram a ser representadas através da pintura e fotografia após a sua morte, como uma forma de lembrar a sua importância no período em que viveu. Foi também no século XVII, que os pequenos passaram a ser retratados quando ainda estavam vivos. Vale ressaltar que a criança tornou-se o centro da composição dos retratos familiares a partir desse período.

Conforme Ariès (1981), até o século XV a organização familiar revelava que não havia diferença entre a infância e outras etapas da vida, pois as crianças participavam dos diálogos, brincadeiras e festas junto aos mais velhos; além de realizarem as mesmas funções em relação ao trabalho. Deste modo, a educação da criança ocorria por meio das aprendizagens com a experiência dos adultos durante a realização do trabalho. Ali aprendiam conhecimentos, valores e socializavam com os mais velhos. Ainda no mesmo século, inicia-se um processo de ingresso da criança em outro contexto educativo, no qual ela deixa a convivência com o adulto e é inserida em instituições com o propósito de educá-la.

Foi a partir dessas mudanças com relação à criança, que a infância passou a ser valorizada e diferenciada de outras etapas da vida. A descoberta da infância iniciou-se no século XIII e foi evoluindo ao longo do tempo, mas somente ao final do século XVI e no XVII, que seu desenvolvimento foi realmente significativo.

Contudo, é na contemporaneidade que os modos de tratar a criança foram modificando-se. Na medida em que sociedade passou a valorizá-la, foi surgindo à compreensão de que a infância é um período da vida fundamental na constituição dos sujeitos e que suas particularidades precisam ser levadas em consideração.

2.2. ATUALIZANDO O (S) CONCEITO (S) DE CRIANÇA E INFÂNCIA

Os conceitos de criança e infância resultam de uma construção histórica abstrata e conceitual. Os elementos que destes conceitos fazem parte se dão a

partir de uma visão de mundo e de sociedade. Sendo assim, é produto histórico datado e localizável.

Estas primeiras afirmações nos indicam que não há um único conceito conclusivo, fechado e restrito sobre o que é criança ou infância, visto que as perspectivas e olhares mudam no tempo e no espaço.

Entretanto, se historicamente o sentimento sobre infância e criança se consolida durante os séculos XIII e XVII, é na contemporaneidade que estes modos de ver a criança e a infância ganham em visibilidade e significação junto aos adultos e aqueles que se preocupam com a educação das crianças em seu fazer profissional. Para Lajolo (2006), a infância foi concebida de diferentes formas com o passar do tempo:

[...] Alguns registros mais antigos, quando comparados a outros contemporâneos, ensinam que infantes e infância foram diferentemente concebidos, tratados de maneira diferente em distintos momentos e lugares da história humana (LAJOLO, 2006, p. 230).

De acordo com a autora, observa-se que a palavra infância apresenta diferentes significados de acordo com a época, ou seja, sua concepção é diferente quando analisada nos tempos mais remotos em comparação com a forma como é tratada na contemporaneidade. Em seus escritos, Lajolo (2006) aponta os diferentes modos de compreender a criança ao longo do tempo. Inicialmente, mostra a criança sendo tratada como um adulto em miniatura; em seguida, como um indivíduo com suas particularidades e diferente das outras idades da vida; depois, sendo concebida como uma tabula rasa; ou seja, constata-se que essas concepções foram construídas historicamente e sendo modificadas com o passar do tempo.

A cultura infantil tem uma nova significação na contemporaneidade, visto que a criança apresenta especificidades em relação à alimentação, brincadeiras, indumentárias e forma de comunicação própria (linguagem). Souza (2007) argumenta que a criança:

Nasce marcada pela cultura mesmo que sem ainda apropriar-se dela por completo, cresce como natureza em função das suas necessidades – comuns e específicas, de sono, afeto, amamentação, entre outros cuidados. A tradição do pensamento evolucionista

difundido também na esfera educacional traz a ideia de uma criança “individualizada” naturalmente e que se tornará no decorrer do seu desenvolvimento com as devidas condições favoráveis um sujeito “socializado”, a escola tendo assim o papel de socializadora tanto no plano do conhecimento como das relações (SOUZA, 2007, p. 74).

Para Souza (2007), a infância apresenta suas particularidades e a escola desempenha um papel importante na formação do sujeito. Devemos considerar que existem diferentes formas de vivenciar a infância. Há crianças que pertencem a uma classe menos favorecida, enfrentam dificuldades e precisam trabalhar para auxiliar a família. Existem, também, as crianças da classe burguesa e que não possuem carências financeiras. Esses aspectos influenciam diretamente e constituem um modo diferente de viver a infância.

Deste modo, o sentimento de infância não está exclusivamente relacionado a uma faixa etária ou uma etapa psicológica, mas a um contexto histórico que apresenta suas singularidades. E, apesar das suas diferenças, permite situar o lugar da Educação Infantil e do fazer docente quando se pensa a educação.

2.3. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NA EUROPA

Há pouco tempo atrás, a concepção de Educação Infantil apontava a preocupação do aprender a ler, escolarizando uma etapa da vida das crianças. Pode-se a título de reflexão dizer que esta relação criança/escola sempre esteve tensionada entre dois fatores distintos em função da perspectiva de quem analisa: necessidade do brincar (crianças) e a exigência dos adultos e/ou da instituição de ensinar conteúdos escolares para o trabalho. Neste breve histórico da educação a pretensão é estabelecer as balizas sobre como se construiu a história da Educação Infantil, tendo em vista a peculiaridade do ser criança como sujeito histórico no mundo social.

Segundo o estudo de Fuly e Veiga (2012), a chegada do sistema de fábricas gerou uma reestruturação da classe operária da Europa, que adotou o sistema maquinário. Assim, aumentaram as oportunidades para as mulheres que, mesmo sem dispor de força muscular necessária, nessa fase já eram

aptas a se juntar à classe trabalhadora. Entretanto, com o ingresso das mesmas nas indústrias, houve uma modificação considerável em relação à organização familiar de seus lares.

De acordo com as autoras, a mulher operária cuidava de seu lar em horários diferentes ao do seu trabalho, no entanto, inevitavelmente precisou deixar seus filhos pequenos sob responsabilidade de outros: as mães mercenárias. Cabe ressaltar que, estes filhos eram aqueles que ainda não tinham agilidade suficiente para acompanhá-la no trabalho das fábricas, sendo assim:

Criou-se uma nova oferta de emprego para as mulheres, mas aumentaram os riscos de maus tratos às crianças, reunidas em maior número, aos cuidados de uma única, pobre e despreparada mulher. Tudo isso, aliado a pouca comida e higiene, gerou um quadro caótico de confusão, que terminou no aumento de castigos e muita pancadaria, a fim de tornar as crianças mais sossegadas e passivas. Mais violência e mortalidade infantil. (RIZZO, 2003, p. 31).

Isto é, deixar os filhos sob responsabilidade de mães mercenárias, trouxe sérias consequências para os pequenos. Deste modo, foi necessário idealizar uma instituição que fosse voltada às crianças. Rizzo (2003) apresenta a proposta da primeira instituição direcionada a crianças de dois a seis anos, em Paris no ano de 1774, por João Frederico Oberlin:

A ideia não era de abrigo, nem mesmo de escola em horário integral, mas foi a primeira iniciativa voltada para a educação infantil; porém não criou raízes, pois não se assentou em uma linha filosófica que a validasse. Oberlin criou apenas um programa de passeios, brinquedos, trabalhos manuais e histórias contadas com gravuras, mas que já revelava algum conhecimento e afinidade com as necessidades e interesses infantis; por isso merece esse crédito aqui. (RIZZO, 2003, p. 32).

Entretanto, a autora destaca que, depois de cem anos a situação havia se agravado, pois aumentava imensamente a falta da figura materna. Então, a partir desta necessidade, começam a surgir pessoas que passaram a acolher essas crianças que estavam em situação de rua, por filantropia, para prestar assistência e cuidados. Deste modo, inicia-se o conceito denominado “assistencialismo”.

Fuly e Veiga (2012) apontam que em meados de 1840, Friedrich Froebel idealiza o conceito de Jardim da Infância na Alemanha. Esta instituição apresentava uma especificidade educacional, sendo um espaço planejado a fim de proporcionar o desenvolvimento das potencialidades infantis, pensamento e liberdade de expressão.

As autoras, ainda, destacam que no século XIX, Robert Owein – inspirado em Oberlin – fundou uma escola para filhos de operários na Escócia. A instituição recebia crianças de 2 a 6 anos de idade e o sistema de ensino era o “ensino mútuo”. Enquanto os professores passavam as lições, os alunos mais adiantados ajudavam os menores.

Já em 1844, Firmin Marbeau fundou uma instituição com finalidade educativa na França, que atendia crianças de 0 a 3 anos de idade. As conhecidas “creches” logo se difundiram pela Europa. Segundo Fuly e Veiga (2012), Marbeau idealizava um espaço melhor do que a residência das crianças, onde haveria possibilidade de brincar sem riscos, proporcionando também a interação entre os pares. Assim, elas se tornariam mais felizes e dóceis. Esse movimento contribuiu para um cuidado mais efetivo com a criança.

Este aspecto do cuidado com a criança é fundamental, porque a história da mesma nem sempre é narrada, pois a criança não conta ou escreve aquilo que vivencia. Isto é, não aparece como sujeito próprio, sendo o adulto quem organiza e dimensiona tal narrativa. Conforme Lajolo (2006):

[...] por não falar, a infância não se fala e, não se falando, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. E, por não ocupar esta primeira pessoa, isto é, por não dizer eu, por jamais assumir o lugar de sujeito do discurso, e, conseqüentemente, por consistir sempre um ele/ela nos discursos alheios, a infância é sempre definida de fora (LAJOLO, 2006, p. 230).

Talvez, por isso que o modo mais direto de perceber a criança na escola seja precisamente tentar captá-la com base nas significações atribuídas aos diversos discursos que tentam defini-la historicamente. Deste modo, para pensar a criança, sua educação e o modo como se processa, temos que situá-la no seu contexto. Neste caso, se faz necessário circunscrever este movimento analítico no Brasil.

2.4. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Considerando o surgimento da primeira escola de Educação Infantil até as instituições atualmente fundadas, observa-se que em muitos aspectos seu conceito foi sendo modificado. Com o passar do tempo, foram repensados os objetivos de cada uma, responsabilidade com as crianças e o tipo de atendimento prestado por essas escolas. A criança passou a não ser mais considerada como um “mini adulto”, mas como um ser que possui suas especificidades, necessidades e uma forma diferente de pensar e ver o mundo que a cerca.

De acordo com Fuly e Veiga (2012), muitos intelectuais da época chegaram a pressupor que o atendimento à criança deveria ser pensado de outra maneira, visando considerar as particularidades dos pequenos. Até porque as propostas planejadas nesse período eram mais intuitivas, pois não havia estudos acerca das especificidades e desenvolvimento das crianças. No entanto, mesmo sem ter conhecimento científico necessário, começaram a surgir as primeiras instituições destinadas ao público infantil.

As autoras apontam que nesse período havia muitas crianças abandonadas, devido ao fenômeno denominado urbanização. Para solucionar este problema, no ano de 1832 no Rio de Janeiro, foi fundada a “roda do exposto ou enjeitado”, instituição com objetivo de abrigar as crianças desamparadas, para esconder a vergonha da mãe solteira.

As crianças eram sempre filhas de mulheres da corte, pois somente essas tinham do que se envergonhar e motivo para se descartar do filho indesejado; as pobres precisavam de seus filhos para ajudar no trabalho, e dos filhos das escravas precisavam os senhores abastados. (RIZZO, 2003, p. 37).

Conforme Fuly e Veiga (2012), geralmente, essas rodas localizavam-se nos grandes centros. As crianças chegavam debilitadas devido ao cansaço da viagem de chegada até lá. Cabe ressaltar que essas instituições que prestavam assistência aos menores abandonados, também proporcionavam algum tipo de educação aos mesmos. Não era um ensinamento de caráter

pedagógico, mas algo voltado ao mercado de trabalho ou para o ensino das primeiras letras. Ao longo dessa trajetória histórica que surgiram as primeiras creches brasileiras. Rizzo (2003) relata que esse cenário permaneceu até o final do século XX em nosso país:

A educação pré-escolar do pobre continuou, ainda por muitos anos, sendo responsabilidade filantrópica, de caráter assistencialista e eventual, especialmente, e dependente das intenções das primeiras damas, que, na expectativa da falta do que fazer, ocupariam assim o seu tempo, dando vazão aos seus instintos de proteção à infância. (RIZZO, 2003, p. 38).

Essa afirmação mostra que há uma diferença social entre as mães, em relação às pobres e as que possuíam melhores condições financeiras. Em que a primeira, precisava deixar seu filho em uma creche para poder trabalhar, enquanto que a segunda poderia dedicar-se a maternidade e a criação de sua prole. Segundo Rizzo (2003), houve a preocupação em incluir a criança no discurso político da época, mas na realidade, o objetivo das creches era de prestar assistência às classes populares, para que a mulher (mãe) pudesse ingressar no mercado de trabalho e ter onde deixar seu filho.

Não só muda o contexto histórico, mas modificam-se as relações sociais. Cabe ressaltar que junto a estes câmbios ocorre, também, a tradução dos valores, costumes, crenças, modo de pensar educação, escolarização e criança. A legislação sobre educação é o instrumento que busca traduzir aquilo que acontece no dia-a-dia do processo de educação e as expectativas dos grupos sociais em relação à escola.

2.5. EDUCAÇÃO E LEGISLAÇÃO

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), a Educação Infantil é voltada para crianças de 0 a 5 anos de idade e é entendida como a primeira etapa da Educação Básica. De acordo a referida

lei e com a Constituição Federal de 1988, a Educação Infantil passou a ser reconhecida como direito da criança, das famílias e como dever do Estado.

A legislação define que a faixa etária de 0 a 3 anos é denominada como creche e a faixa etária de 4 a 5 anos é compreendida como pré-escola. Importante ressaltar que, a lei nº 12.796 faz algumas alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), e uma delas diz respeito à obrigatoriedade do ingresso de criança com 4 anos de idade em escolas.

Esta etapa da Educação Básica não visa o preparo para o ingresso no Ensino Fundamental, mas o desenvolvimento da criança no que diz respeito aos aspectos psicológicos, intelectuais, sociais e físicos. De acordo com Oliveira (2014, s/n), as instituições de Educação Infantil ao elaborar uma proposta pedagógica, precisam:

[...] organizar condições para que as crianças interajam com adultos e outras crianças em situações variadas, construindo significações acerca do mundo e de si mesmas, enquanto desenvolvem formas mais complexas de sentir, pensar e solucionar problemas, em clima de autonomia e cooperação. Podem as crianças, assim, constituir-se como sujeitos únicos e históricos, membros de famílias que são igualmente singulares em uma sociedade concreta.

Constata-se através de Oliveira (2014) que atualmente as propostas dessas instituições apresentam um caráter educativo e pedagógico, resultando no rompimento de um atendimento prioritariamente assistencial. O ato de cuidar e educar deve ocorrer de forma simultânea. Desse modo, a proposta pedagógica deve assegurar o cuidado, bem como a aprendizagem da criança, respeitando assim as especificidades do desenvolvimento infantil dessa faixa etária. Outro fator importante diz respeito à questão da qualidade no atendimento oferecido as crianças, pois o educador deve proporcionar experiências educativas e interação entre os pares.

3. INFÂNCIA E QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A cultura infantil é marcada por suas especificidades, o que a difere das outras fases da vida. Nesse sentido, Sarmiento (2007) caracteriza a infância como:

[...] uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo. Nessa ação estruturam e se estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância (SARMENTO, 2007, p. 36).

Por isso se faz necessário o estudo das diferentes concepções de infância com vistas a encontrar estratégias que permitam compreender a complexidade dos mundos das crianças, as mudanças do mundo que as rodeia. E, finalmente, o lugar do professor como agente que contribui para a mudança social deste sujeito apreendente que é a criança.

3.1. CONCEPÇÕES DE GÊNERO NA ÁREA PROFISSIONAL

As relações de gênero nas profissões não se limitam apenas a área educacional. Observa-se que nos diferentes campos profissionais há uma segmentação, na qual existem espaços de trabalho mais receptivos às mulheres, e outros aos homens.

Conforme Rabelo e Martins (2006), historicamente os serviços relacionados à força, razão e inteligência são espaços ocupados pelo público masculino, assim como aquelas ocupações associadas ao afeto, a sensibilidade e emoção são entendidas como próprias do público feminino. De acordo com essa concepção, nas ciências humanas predominariam as mulheres, enquanto que nas ciências exatas prevaleceriam os homens. Para Jaeger e Jacques (2017, p.546):

Não podemos deixar de sublinhar que esses encaminhamentos

sociais e culturais produzem e são produzidos em meio a discursos e representações que buscam afirmar e reafirmar estereótipos culturais, os quais fixam, em determinados papéis e funções, os lugares de homens e de mulheres.

A Educação Infantil, em especial, ainda é classificada como um território feminino. Isso pode ser justificado devido às concepções biológicas existentes a cerca das mulheres. Essas convicções estão pautadas no fato de que as mesmas são consideradas naturalmente delicadas e deste modo, são capacitadas para cuidar de crianças. Já os homens, são caracterizados pela coragem e força; predicados que não combinam muito com o espaço escolar infantil. Com vistas a entender essas diferenças entre mulheres e homens, apresento um conceito de gênero que engloba:

[...] todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas em processos que diferenciam mulheres e homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção e distinções - biológicas, comportamentais ou psíquicas percebidas entre homens e mulheres [...] (Meyer; 2010, p 16).

Nessa perspectiva, compreendemos que a escola é um espaço que cria significações a respeito dos corpos, que evidenciam diferenciações sobre o que é considerado feminino ou masculino. Essas diferenças estão vinculadas a forma de comportamento, ao aspecto físico (aparência) e ao jeito de ser.

Deste modo, são constituídas as representações estereotipadas do que é ser mulher ou homem. Para reforçar que estes estereótipos podem interferir na escolha profissional de sujeitos – neste caso, do sexo masculino – foram elencados no quadro abaixo situações e as justificativas tidas pelo senso comum sobre a atuação dos homens no campo da docência na Educação Infantil. O quadro abaixo está subdividido em quatro situações-problema e abaixo o seu respectivo argumento.

QUADRO 1 – Situações e justificativas ocorridas com professores homens

Situação-problema 1: Muitas escolas não permitem a admissão de professores homens na Educação Infantil, no momento do recrutamento profissional.

Argumentos: Salários dos homens são mais altos historicamente.

Situação-problema 2: Muitas escolas deslocam os professores do sexo masculino da Educação Infantil para outros cargos que não envolvem o contato direto com as crianças.

Argumentos: Evitar problemas com as famílias em relação situações de abusos sexuais.

Situação-problema 3: Alguns acadêmicos homens direcionam-se a outras áreas da pedagogia, que não correspondem a Educação Infantil.

Argumentos: Sentem-se desconfortáveis ao atender crianças pequenas, por receio de serem confundidos com abusadores em potencial.

Situação-problema 4: Homens não sabem cuidar de crianças, entretanto mulheres sim (principalmente no momento da higiene).

Argumentos: Mulheres são socializadas desde pequenas para a maternidade, sendo caracterizadas como ternas e dóceis. Enquanto que há um preconceito vinculado aos homens devido ao fantasma do abuso sexual.

(Construção pessoal).

As situações acima citadas refletem um preconceito, muitas vezes infundado, que ainda é responsável pela pouca incidência de homens nos cursos de licenciatura em pedagogia e na docência da Educação Infantil. Essas concepções, que ratificam e criam rótulos, atingem diretamente os espaços de trabalho.

Simultaneamente, as discussões referentes às questões de gênero, nos permitem perceber que mesmo com esses direcionamentos sociais relativos aos campos profissionais, muitos homens e mulheres desafiam esses estereótipos e decidem atuar nessas áreas que não foram a eles (as) “destinados”. Considerando isso, a seguir apresenta-se uma discussão a partir dos obstáculos enfrentados pelos acadêmicos homens das graduações de licenciatura em pedagogia; bem como uma análise dos dados referentes aos professores de Educação Infantil, tendo em vista o gênero dos profissionais.

3.2. SITUANDO A QUESTÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A falta da presença masculina na área da educação provoca debates e questionamentos sobre quais razões dificilmente estimulam homens a optarem pelo curso de licenciatura em pedagogia, bem como sugerem pressupostos e discussões que visam compreender como essa formação profissional tornou-se um espaço incômodo e pouco interessante ao público do sexo masculino. Ao ingressar nesse curso, frequentemente surgem dúvidas referentes à potencialidade do homem em cuidar, educar e dar atenção às crianças no espaço escolar.

Muitas vezes, durante a graduação, as suspeitas quanto à sua competência se intensificam no período das práticas pedagógicas, momento em que passam por dificuldades para conseguir uma oportunidade de atuar em uma escola de Educação Infantil. Em algumas circunstâncias, o acadêmico por não ser aceito pelas direções escolares, é obrigado a realizar seu estágio em turmas do Ensino Fundamental, visto que essa etapa da Educação Básica

apresenta maior aceitação do público masculino em comparação com a Educação Infantil.

Ao analisar registros, percebemos que a atuação docente feminina nas escolas de Educação Infantil, apresenta maior incidência em relação aos professores homens. Segundo dados do INEP (2017), constata-se que existem 593.960 professores que atuam na Educação Infantil, sendo que apenas 22.835 pertencem ao sexo masculino, o que representa 3,84%. No estado do Rio Grande do Sul, há 34.435 profissionais do sexo feminino, enquanto que há somente 1.380 homens atuantes no mesmo cargo. Confira os dados completos nas tabelas 1 e 2, correspondentes ao Brasil e ao Rio Grande do Sul em 2017, respectivamente:

TABELA 1 – Dados do Brasil referente a 2017

| PROFESSORES (2017) | QUANTIDADE | % |
|---------------------------|-------------------|----------|
| BRASIL | 593.960 | 100,00 |
| MULHERES | 571.125 | 96,16 |
| HOMENS | 22.835 | 3,84 |

Fonte: INEP; 2017. Elaboração da tabela: MOREIRA, Danielle Silveira; 2018.

TABELA 2 – Dados do Rio Grande do Sul referente a 2017

| PROFESSORES (2017) | QUANTIDADE | % |
|---------------------------|-------------------|----------|
| RIO GRANDE DO SUL | 35.815 | 100,00 |
| MULHERES | 34.435 | 96,15 |
| HOMENS | 1.380 | 3,85 |

Fonte: INEP; 2017. Elaboração da tabela: MOREIRA, Danielle Silveira; 2018.

Ao verificar os dados do INEP (2016), observa-se que no Brasil há 575.236 professores, sendo que mulheres correspondem a 96,30% de profissionais atuantes da Educação Infantil, enquanto que o número de homens é de 21.310 docentes, o que equivale a 3,70% deste total. Analisando os dados referentes ao estado do Rio Grande do Sul, detecta-se que de 34.695

professores da Educação Infantil, sendo apenas 1.235 são do sexo masculino, o que corresponde a 3,56%. Para um melhor detalhamento de informações, consulte as tabelas (3 e 4) apresentadas abaixo:

TABELA 3 – Dados do Brasil referente a 2016

| PROFESSORES (2016) | QUANTIDADE | % |
|---------------------------|-------------------|----------|
| BRASIL | 575.236 | 100,00 |
| MULHERES | 553.926 | 96,30 |
| HOMENS | 21.310 | 3,70 |

Fonte: INEP; 2016. Elaboração da tabela: MOREIRA, Danielle Silveira; 2018.

TABELA 4 – Dados do Rio Grande do Sul referente a 2016

| PROFESSORES (2016) | QUANTIDADE | % |
|---------------------------|-------------------|----------|
| RIO GRANDE DO SUL | 34.695 | 100,00 |
| MULHERES | 33.460 | 96,44 |
| HOMENS | 1.235 | 3,56 |

Fonte: INEP; 2016. Elaboração da tabela: MOREIRA, Danielle Silveira; 2018.

Confrontando dados auferidos em 2017 com os coletados em 2016, verifica-se um aumento em relação ao número de docentes do sexo masculino no trabalho pedagógico com crianças de 0 a 5 anos. Esse crescimento no Brasil chega a 7,16%, enquanto que no estado do Rio Grande do Sul o avanço é de 11,74%. Isto é, considerando a Educação Infantil no âmbito nacional, observa-se que no ano de 2017 houve um aumento de 1525 homens a mais; e no Rio Grande do Sul, 145 professores homens a mais. Para maiores informações, consulte as tabelas (5 e 6) abaixo descritas.

TABELA 5 – Evolução de 2016 e 2017 referente ao Brasil

| EVOLUÇÃO 2016/2017 | QUANTIDADE | VARIAÇÃO % |
|---------------------------|-------------------|-------------------|
| BRASIL | 18.724 | 3,26 |
| MULHERES | 17.199 | 3,10 |
| HOMENS | 1.525 | 7,16 |

Fonte: INEP; 2016 e 2017. Elaboração da tabela: MOREIRA, Danielle Silveira; 2018.

TABELA 6 – Evolução de 2016 e 2017 referente ao Rio Grande do Sul

| EVOLUÇÃO 2016/2017 | QUANTIDADE | VARIAÇÃO % |
|---------------------------|-------------------|-------------------|
| RIO GRANDE DO SUL | 1.120 | 3,23 |
| MULHERES | 975 | 2,91 |
| HOMENS | 145 | 11,74 |

Fonte: INEP; 2016 e 2017. Elaboração da tabela: MOREIRA, Danielle Silveira; 2018.

Analisando as informações contidas nas tabelas apresentadas, percebe-se a presença significativa das mulheres como professoras da Educação Infantil, enquanto que os homens representam a minoria nesse campo profissional. Apesar do aumento considerável referente ao número de homens na docência, tendo em vista a evolução do ano de 2016 para 2017, tanto em âmbito nacional quanto no Rio Grande do Sul; ainda nota-se pouca incidência dos mesmos nos cursos de licenciatura em pedagogia. Com vistas a tentar compreender o motivo dessa discrepância entre profissionais do sexo feminino e masculino na Educação Infantil, é de suma importância retornar a história de como se constituiu essa definição sobre papéis sociais designados de acordo com o gênero sexual de cada um.

3.3. LUGAR DE GÊNERO HISTORICAMENTE CONSTRUÍDO

Sayão (2005) aponta que o Brasil tem como herança cultural a escravidão e por ter sido uma colônia de exploração, recebeu pessoas de diferentes raças, etnias e culturas, que chegaram para serem escravizadas ou como imigrantes. Vale ressaltar que já havia uma diversidade advinda dos indígenas que aqui habitavam desde os tempos mais remotos.

A autora relata que em geral, as escravas e suas descendentes tinham poucas oportunidades de trabalho, justamente por possuírem pouca ou nenhuma escolarização. Por este motivo, o que lhes restava eram as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos das famílias de classes mais abastadas. Sayão (2005) ressalta que as ocupações profissionais socialmente menosprezadas e classificadas como “femininas” (exemplo: babás e empregadas domésticas) surgiram nesse momento na história de nossa nação. Cabe lembrar, que a creche e as escolas de Educação Infantil são espaços que estão incluídos nesse discurso.

É apropriado, ainda, introduzir nesse assunto um debate a partir da classificação de algumas ocupações profissionais consideradas “femininas” que estão atreladas a procriação e a dedicação no cuidado com os filhos. Segundo Sayão (2005) o conceito denominado maternagem tornou-se conhecido em nosso país e refere-se aos cuidados maternos dispensados aos pequenos. O discurso a respeito da aptidão própria das mulheres para cuidar das crianças manifestava qual era o seu lugar na sociedade. As mulheres encarregavam-se dos cuidados do lar e de sua prole. Ou seja, “[...] aos homens caberia enfrentar a competitividade no mundo público, enquanto as mulheres deveriam continuar voltadas para o privado, tendo na maternidade o ponto definidor da feminilidade [...]” (MATOS 2003, p. 123). Percebemos que desde muito tempo, há uma percepção de que as mulheres têm uma suposta aptidão natural para os cuidados relativos à infância.

Sayão (2005) menciona em seu trabalho a tese desenvolvida por Chodorow (1979), que pregava a grande diferença entre as mulheres e os homens. Essa distinção acontece porque as primeiras estão relacionadas à procriação e ao cuidado de sua prole. Além disso, salientou que as mães educavam e socializavam seus filhos de forma diferenciada de acordo com o

sexo. Para a autora, essa criação influencia na personalidade dos meninos e meninas desde a primeira infância. Em princípio, as garotas seriam preparadas para a maternagem, o que ocasionaria nelas um sentimento de cuidado com o próximo.

Sayão (2005) trás, também em sua tese a interpretação do fenômeno denominado maternagem sob o ponto de vista de Badinter (1993). Para esta autora, o ato de “maternar” independe do sexo, mas se constitui em práticas cotidianas que podem ser aprendidas tanto por homens quanto por mulheres. Isto é, ambos são aptos para cuidar das crianças. Basta existir interesse deles em aprender e boa vontade das mulheres em auxiliá-los. Constata-se aqui que o ato de cuidar de crianças não está relacionado a habilidades inatas exclusivamente femininas, mas é algo que pode ser aprendido por qualquer pessoa independente de seu gênero.

Tendo em vista as informações apresentadas sobre a questão de gênero, observa-se a necessidade de promover políticas que objetivem a formação e qualificação dos professores da Educação Infantil. Essas políticas devem ter como finalidade a tentativa de evitar aquela percepção de que ser docente se resume em apenas “cuidar de crianças”, da mesma forma que as escravas faziam na época da escravidão; ou como as mães fazem com os seus filhos. Há uma construção sociocultural de que para ser professor é apenas necessário ter jeito e gostar de crianças, não sendo preciso ter qualificação profissional.

3.4. DIMENSÃO DO CUIDADO E EDUCAÇÃO RELACIONADOS AO GÊNERO

Antigamente, as escolas de Educação Infantil destinadas às pessoas de classes menos favorecidas apresentavam uma visão essencialmente assistencialista, isto é, privilegiavam apenas a dimensão do cuidado com as crianças. Enquanto que, as instituições infantis dirigidas às classes mais abastadas, além de dedicarem-se ao cuidado, primavam também pela dimensão pedagógica em suas propostas.

Com vistas a universalizar a escola de Educação Infantil, foram desenvolvidas políticas com objetivo de promover uma educação de qualidade e com igualdade para todos, de modo a também garantir uma intencionalidade educativa nas propostas. Em síntese, a referida educação consistia em incluir nas práticas pedagógicas escolares tanto o ato de cuidar, como o de educar. Nesse âmbito, cabe ressaltar a criação da atual Constituição Federal de 1988, lei que decretou a inserção da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. Sayão (2005) menciona que o documento Política de Educação Infantil (BRASIL, 1993) foi o pioneiro a considerar as ações de cuidar e educar como princípios indissociáveis da Educação Infantil.

Em uma visão pautada no assistencialismo, a palavra “cuidado” refere-se à proteção e higiene. Sabe-se que o ato de cuidar não envolve somente esses dois aspectos, mas compreende tarefas relacionadas também ao atendimento das necessidades essenciais das crianças como: a troca de fraldas, higiene, momentos de refeição, afetividade; aliadas ao educar (Campos, 1994). Entretanto quanto ao cuidado na perspectiva da higiene, Sayão (2005) constata que muitas famílias têm receio em permitir que professores do sexo masculino realizem a limpeza das crianças.

Felipe (2006) justifica que isso ocorre devido à vasta propagação midiática sobre casos de abuso sexual envolvendo médicos, padres, professores e entre outros. A autora relata que essas situações têm gerado um pânico moral na sociedade, de modo que muitos homens passam a mudar de comportamento, pois algumas ações tidas como normais – higiene e demonstrações de carinho, por exemplo – podem ser mal interpretadas e consideradas nocivas às crianças. Felipe (2006, p. 214) aponta que muitos docentes homens em relação às crianças “[...] procuram não ficar sozinhos com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas – ou mesmo colocá-las sentadas em seus colos”. A autora salienta que essa concepção de abuso sexual está vinculada ao preconceito que se tem contra o homem, pois de acordo com o senso comum sua sexualidade é vista como “incontrolável”.

Portanto, a grande problemática refere-se à apropriação da ideia de sexualidade aflorada por parte dos homens; concepção difundida pelo senso comum e que caracteriza um preconceito de gênero. Devido a essas crenças, desenvolve-se uma generalização de que todos os homens são abusadores

em potencial. Com isso, perde-se a vivências nas relações, pois muitas vezes, o homem não é aceito no espaço da sala de aula nas escolas infantis.

4. NA PERCEPÇÃO DE GÊNERO UMA LÓGICA SOCIAL?

Esta pesquisa consiste em um estudo de caso e tem como propósito compreender como as questões de gênero podem circunscrever e determinar o lugar da docência na Educação Infantil. Para Yin (2001):

O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. (YIN; 2001, p.27).

Conforme dito acima, esta pesquisa parte de um estudo de caso e tem como estratégia a combinação de várias técnicas: estudo da bibliografia relacionada à Educação Infantil, entrevistas direcionadas, análise do discurso de um grupo de acadêmicos, gestoras e professores que atuam na Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e se caracteriza fundamentalmente por servir de base para as questões trazidas no final de curso de licenciatura em pedagogia. Para Minayo (2001; p. 26) a pesquisa “[...] realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias”.

Neste estudo buscou-se trabalhar com a percepção social, porque o modo como as pessoas percebem o mundo do trabalho têm a ver com suas crenças e modos de ser. De acordo com o dicionário de conceitos³, percepção social trata-se de um “[...] processo pelo qual as pessoas interpretam a realidade social. Em outros termos, a percepção social se refere ao modo de como percebemos os demais e de que maneira interpretamos seu

³ Disponível em: <https://conceitos.com/percepcao-social/>. Acessado em: 03 mai. 2018

comportamento”. Por este motivo, a coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas.

Para Minayo (2001, p.57), este método não se trata de uma interlocução “[...] despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada”. Através das entrevistas será feita uma análise do discurso dos participantes da pesquisa. Para Orlandi (2006), a análise do discurso:

[...] não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI; 2006, p. 15-16).

Para a autora, a análise de discurso diz respeito à forma como o sujeito expressa sua experiência (memória) e qual o significado disso em sua história. Nesse discurso não se busca uma “verdade”, mas compreender e interpretar “[...] a manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos” (ORLANDI; 2006, p. 59).

A partir disso, foram realizadas cinco perguntas com nove informantes qualificados – que atuam com a Educação Infantil – por meio de um questionário (vide apêndice B). Os entrevistados foram divididos em três categorias: gestoras, acadêmicos do curso de pedagogia e professores homens que atuam na Educação Infantil. Vale ressaltar que foram entrevistados três representantes de cada segmento. As categorias de análise para este trabalho são organizadas pelo trinômio: gênero/cuidado/educação, que serviram de base para a elaboração das perguntas. A seguir, serão apresentadas as análises com base nos discursos dos entrevistados.

5. NA CORRELAÇÃO DOS FATOS COM A TEORIA: UMA LÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL SE EVIDENCIA

A ideia desta seção é, ao retomar as respostas dos entrevistados, construir correlações e refletir sobre de que maneira as respostas dadas (o real) tem o seu contraponto na teoria. A análise não parte de problemas abstratos separados e isolados da vida dos profissionais da educação, mas a partir de uma realidade essencialmente marcada por processos de exclusão de gênero, por antagonismos e diferenças culturais (sociais) que na Educação Infantil se apresentam regidas por regras aparentemente aceitas e quase sempre utilizadas em função da manutenção das mulheres na Educação Infantil (privilégios de gênero?) para facilitar a vida dos gestores e famílias.

É importante destacar que a análise da experiência docente (entrada analítica) junto com a percepção dos atores sociais (entrevistados professores, acadêmicos e gestoras) coloca em evidência que identidade de gênero (categoria analítica importante na sociologia, na psicologia e em outras áreas do conhecimento). Isso deriva da concepção que se tem de educação na Educação Infantil, de uma percepção do(s) indivíduo(s), mas também faz parte da concretude da vida dos gestores/funcionários e em um lugar específico – na escola – materializado nas políticas de Recursos Humanos.

É nesse contexto que as sínteses que seguem devem ser entendidas. A repetição tem uma intencionalidade: reforçar a construção de um modo de pensar e perceber educação, o lugar do professor e as possibilidades de construção de uma nova sociabilidade. E, também, compreender os argumentos daqueles que fazem o cotidiano da Educação Infantil: professores, acadêmicos e gestores de escola.

A seguir, serão apresentados os quadros referentes a cada pergunta do questionário (vide apêndice B), contendo fragmentos importantes do discurso dos entrevistados, bem como o significado de cada resposta. Cabe ressaltar que os quadros foram separados de acordo com o segmento do participante da pesquisa (professores, acadêmicos do curso de pedagogia e gestoras). Após a apresentação dos quadros, será realizada uma análise de acordo com os relatos dos entrevistados.

QUADRO 2 – Percepção de gênero nos diferentes cargos (Professores)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|--|---|
| Professor 1 | <p>Sim! Porque o próprio interesse para a docência na Educação Infantil acaba sendo maior pelas mulheres, por diversas razões. Alguns homens se sentem afastados de tal profissão, visto verem ações de cuidado, que faz parte da Educação Infantil, não pertencem a homens, mas a mulheres. Um pensamento machista, totalmente equivocado! [...] fui proibido pela direção e coordenação da escola de fazer troca de fraldas; somente as mulheres que faziam parte da equipe da sala faziam as trocas. Isso uma demonstração de puro preconceito, esse é apenas um exemplo das inúmeras ações de preconceito que já sofri na Educação Infantil.</p> | <p>Respondeu que o gênero é um fator que exerce influência na ocupação dos diferentes cargos na escola, devido à concepção histórica de que as mulheres são mais aptas no cuidado de crianças e que o homem sofre preconceito nesses espaços.</p> |
| Professor 2 | <p>Sim [...] Algumas funções e disciplinas são permitidas com mais facilidade, como o professor de Educação Física e de Música, o que também está diretamente relacionada às questões de gênero, já que Música é algo que requer habilidade para tocar instrumentos, por exemplo, e muitos homens se destacam historicamente [...]</p> | <p>Respondeu que sim, pois há uma concepção histórica na qual se estabelece que o gênero de uma pessoa determina se ela tem ou não aptidão para realizar uma atividade.</p> |
| Professor 3 | <p>Vivemos em uma sociedade generificada, ou seja, desde muito cedo convivemos com normas de gênero que posicionam o masculino e o feminino em determinadas posições. [...] Frente a isso, poderíamos pensar que o gênero também é um fator bem significativo para o preenchimento de cargos na Educação Infantil. Afinal, de uma maneira geral, as posições de liderança na maioria das vezes acabam sendo destinadas aos homens que estão no espaço escolar, mesmo estes sendo minoria nestes ambientes. Também poderíamos pressupor que a busca do homem por estudos que sustentem seu trabalho na escola (que muitas vezes é colocado sob suspeita), acabam repercutindo e destacando-o para assumir cargos mais administrativos. [...] Nessas experiências, sempre tive meu trabalho questionado pelas famílias, que aos poucos iam me conhecendo e se tranquilizando com a presença masculina na escola. [...] logo que houve a troca de gestão na escola, fui convidado para compor a equipe enquanto coordenador pedagógico.</p> | <p>Em seu discurso, o entrevistado afirma que o gênero é um fator determinante no preenchimento de vagas nas escolas de Educação Infantil, pois historicamente definiram-se ocupações de acordo com o sexo da pessoa. E relata que no espaço escolar, há preconceito contra homens que são professores.</p> |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

QUADRO 3 – Percepção de gênero nos diferentes cargos (Acadêmicos)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|--|---|
| Acadêmico 1 | Na grande maioria das escolas, a direção opta pela contratação pelo sexo feminino e inclusive isso está claro quando há anúncio de vagas, por exemplo. [...] não aceitavam que eu realizasse a observação com crianças do primeiro ano e nem na Educação Infantil por ser homem [...] A propósito, todas as escolas de Educação Infantil do meu bairro são gerenciadas por mulheres. | Responde que o gênero é um fator decisivo para trabalhar em escolas, pois há preconceito com homens em relação ao trabalho docente. |
| Acadêmico 2 | Sim. Tive essa experiência quando estagiei numa escola, meninos só podiam ser auxiliares da professora no nível 4, antes do 1º ano do Ensino Fundamental. Os níveis anteriores ao nível 4 era predominantemente de estagiárias, o que era uma exigência da escola. | Relata que para atuar em sala de aula, há uma exigência de que o profissional seja do sexo feminino. |
| Acadêmico 3 | Sim! As mulheres geralmente que ocupam o cargo de professoras de Educação Infantil. | Relata que a docência, em geral, é uma área de atuação feminina. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

QUADRO 4 – Percepção de gênero nos diferentes cargos (Gestoras)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|--|--|
| Gestora 1 | Sim, principalmente no preenchimento dos cargos voltados diretamente ao trabalho com os alunos. A profissão de educador sempre atraiu mais o público feminino do que o masculino. | Alega que a área da docência esteve e ainda está mais voltada ao público feminino. |
| Gestora 2 | Acredito que sim, pois ainda há uma ideia de que a figura de cuidado, afeto, sensibilidade, acolhimento, tão necessário na etapa da Educação Infantil, seja a figura feminina. | Visão de que a figura feminina está atrelada ao cuidado, por isso, ideal na docência. |
| Gestora 3 | Não. As crianças são sujeitos sociais e de interação constante com os contextos de convívio e aprendizagem. Desta forma, é necessária a presença de um adulto capaz de compreendê-las e de dar visibilidade as suas diversas formas de ver e aprender sobre o mundo e, não um adulto determinado para essa função pelo critério de gênero. | Não acredita que o gênero seja um fator determinante no preenchimento dos cargos nas escolas infantis. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

Nessa questão, observa-se que praticamente todos os entrevistados (exceto um) responde que o gênero do profissional exerce influência no preenchimento dos cargos em uma escola de Educação Infantil. A justificativa para essa afirmação refere-se ao fato de que, historicamente, a área da docência com crianças era um espaço de atuação feminino.

Através dos discursos, constata-se que há um preconceito com o homem como profissional docente, pois há uma ideia de que o cuidado, afeto e sensibilidade estão relacionados à mulher. Sobre esta concepção, Flores (2000, p. 92) explica que:

Em nossa sociedade, a forma hegemônica de definir as “características do gênero feminino” sempre buscou incorporar a este uma dimensão emotiva e sensível, assim como um conjunto de habilidades para lidar com crianças, que costuma ser definido como “um jeitinho maternal de ser”.

Deste modo, acredita-se que as mulheres estão mais capacitadas para a tarefa de cuidar das crianças do que os homens, pois segundo Jaeger e Jacques (2017, p.559) “[...] os corpos de homens e mulheres, assim como suas identidades, estão marcados por representações de gênero. Espera-se do homem que seja bravo, forte [...]”. E essas características – tidas pelo senso comum – que categorizam o público masculino são consideradas inadequadas para o cuidado de crianças.

Encontrou-se, também, nos discursos que professores de áreas específicas (música e educação física), cargos administrativos e as posições de liderança na Educação Infantil são geralmente ocupados por profissionais do sexo masculino, mesmo que sejam minoria nesses espaços. O deslocamento de homens para outros cargos no interior da escola podem ser explicados por dois motivos, segundo Zanette (2014, p.38-39):

[...] está naturalizado porque desde a mais tenra idade o sujeito masculino é imerso em uma rede discursiva que o constitui como “líder nato”. Sendo assim, “tomar a frente”, assumir cargos de chefia e administrar tornam-se requisitos e são considerados naturais.

[...] a ação de colocar um homem em um ‘cargo burocrático’, afastando-o das crianças e da sala de aula, não está também regulada à norma de gênero já analisada anteriormente? Não seria

essa também uma forma de colocá-lo 'no seu devido lugar' ou de afastar a 'ameaça' das crianças?

O autor aponta que o homem é concebido como um sujeito que tem autoridade; qualidade esta que o capacita para ocupar cargos administrativos e de gestão escolar. Mas de certo modo, devemos considerar que há uma visão em que o homem é considerado um perigo para as crianças, seja em relação ao abuso sexual ou por não saber cuidá-las tão bem quanto a mulher. Devido a isso, geralmente ele é deslocado para outras áreas, de modo a afastá-lo do contato com as crianças⁴.

Quanto à existência de profissionais do sexo masculino em áreas específicas (música e educação física), um dos entrevistados relata que nesse campo foram homens que se destacaram historicamente, por isso verifica-se a presença dos mesmos nessas áreas de atuação. Jaeger e Jacques (2017, p.556), afirmam que há uma concepção firmada na área da educação física, que este é “[...] um espaço de afirmação e reafirmação da masculinidade referente, a qual se ampara na força, virilidade e agressividade masculinas”.

QUADRO 5 – Justificativa sobre a questão de gênero nos diferentes cargos
(Professores)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|---|---|
| Professor 1 | Penso que isso ocorre porque vivemos uma sociedade extremamente machista, que os homens ainda são visto apenas como provedores da família, trabalham para sustentar a casa; enquanto as mulheres cuidam das crianças em casa; ou pelo fato das mulheres que dão a luz a um bebê são mais aptas que os homens para tais funções de cuidado de crianças. [...] Acredito ser porque instituições escolares ainda reforçam tal preconceito que lá não é lugar de homem. | Alega que há uma concepção machista sobre o lugar do homem e da mulher na sociedade. Neste caso, historicamente, o cuidado com as crianças é uma tarefa feminina. |
| Professor 2 | [...] porque a Educação Infantil, assim como os anos iniciais, ainda são relacionados à maternidade, de modo que espera-se que os profissionais que lidarão | A Educação infantil está historicamente relacionada à maternidade. |

⁴ Cabe ressaltar que as informações aqui expostas referem-se a uma concepção histórica tida pelo senso comum, que define ações naturalizadas de acordo com o gênero do indivíduo.

| | | |
|-------------|---|--|
| | com essas crianças sejam mulheres. No caso especificamente da Educação Infantil, atribui-se especialmente ao ato de cuidar, o que, na opinião de muitas pessoas, um homem não faria tão bem quanto uma mulher. | Portanto, o ato de cuidar é tarefa da mulher. |
| Professor 3 | [...] vale ressaltar também que poderíamos pensar que o afastamento do docente para cargos mais administrativos, pode ser encarado como uma forma de distanciar o homem-professor, das crianças. Afinal, nossa sociedade ainda vem construindo discursos em que posicionam o homem como sujeito de sexualidade incontrolável, causando assim pânico nas famílias ao se depararem como um homem-professor. | Aponta que devido à crença de que homens são abusadores em potencial, há um deslocamento do homem como professor para cargos distantes das crianças. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

QUADRO 6 – Justificativa sobre a questão de gênero nos diferentes cargos
(Acadêmicos)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|--|---|
| Acadêmico 1 | Há uma visão mesmo que não admitida pela sociedade, que homens não podem chegar perto de crianças nesses espaços porque ocorrerá assédio. [...] haverá uma resistência na maioria dos pais ao ver que há um homem trabalhando com crianças quando de maneira geral, é um serviço que estão acostumados a ver realizados por mulheres. | Figura masculina relacionada ao abuso sexual, pedofilia. |
| Acadêmico 2 | Acredito que seja uma exigência dos pais , mesmo no nível 4, até conquistar a confiança dos pais, haviam alguns que olhavam diferente para mim e chegaram a questionar a professora titular a meu respeito. | Preconceito das famílias contra o profissional do sexo masculino. |
| Acadêmico 3 | Acredito que é mais por uma questão cultural, de que mulheres “cuidam” mais de crianças do que homens, e isso acaba se refletindo também nas escolas. | Visão histórica que relaciona o cuidado com as mulheres. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

QUADRO 7 – Justificativa sobre a questão de gênero nos diferentes cargos
(Gestoras)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|---|--|
| Gestora 1 | Vivemos em uma sociedade machista, onde normalmente os filhos recebem mais os cuidados da mãe do que do pai , mesmo ambos trabalhando fora. Na escolha da profissão de educador é perfeitamente normal que apareçam mais mulheres do que homens. | Visão da área docente relacionada a “maternagem”. |
| Gestora 2 | Embora socialmente estejam acontecendo modificações nos papéis familiares, a escola ainda é um espaço mais tradicional, com dificuldades de mudanças significativas. | Está implícito no discurso que historicamente a docência é área de atuação feminina. |
| Gestora 3 | A pergunta era: Por que você acha que isso ocorre? Essa questão somente deveria ser respondida, caso a anterior fosse “sim”. Neste caso, a resposta anterior foi “não”. | Não acredita que o gênero exerce influência nos diferentes cargos escolares. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

Nesta questão, surgem duas principais justificativas que fazem com que o gênero do profissional seja determinante no preenchimento dos diferentes cargos em uma escola. A primeira diz respeito a uma concepção histórica de que o homem é considerado como o provedor do sustento da família e está relacionado ao trabalho, enquanto que a mulher está responsável por cuidar da casa e dos filhos. Flores (2001, p. 94) aponta que historicamente [...] couberam aos homens as atividades desenvolvidas fora do lar, remuneradas e valorizadas socialmente. Às mulheres, couberam as responsabilidades com a organização do espaço doméstico e todas as formas de atenção às crianças [...]. A partir disso, nota-se que a questão da maternidade deslocou-se para a escola de Educação Infantil, pois há uma visão de que a mulher tem mais capacidade para cuidar de crianças.

A segunda justificativa refere-se concepção de que os homens apresentam uma sexualidade incontrolável e por isso são considerados perigosos para cuidarem de crianças. De acordo com Sayão (2005, p.189) “O que ‘capacita’ as mulheres a tocarem nos corpos das crianças e gera a

desconfiança quanto ao abuso dos homens é que as primeiras controlariam sua sexualidade, enquanto os homens seriam incontroláveis”. Desta forma, há uma crença de que os homens podem abusar as crianças, devido a sua sexualidade; enquanto que as mulheres estão acima de qualquer suspeita.

Nesta pesquisa, dois dos entrevistados relatam que a escola ainda é um espaço tradicional, e que de maneira geral, reforçam esse preconceito. Uma das entrevistadas (Gestora 1) menciona que na sociedade em que vivemos, as crianças recebem mais cuidados da mãe e por isso “na escolha da profissão de educador é perfeitamente normal que apareçam mais mulheres do que homens”. Esta frase demonstra que é aceitável e natural o fato de que as escolas de Educação Infantil sejam um espaço de atuação majoritariamente feminino.

QUADRO 8 – Justificativa para maior número de mulheres em relação a homens na Educação Infantil (Professores)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|---|---|
| Professor 1 | [...] quando o homem entra na Educação Infantil sofre diversos preconceitos, reforçando a ideia que ali não é lugar para ele. | Preconceito com os homens na Educação Infantil. |
| Professor 2 | Por relacionarem a Educação Infantil ao cuidado, o cuidado à maternidade e, por conseguinte, à mulher. Tanto os pais esperam que seja assim, como os profissionais que contratam estranham [...] e os homens que desejam trabalhar na Educação Infantil muitas vezes desistem por não se sentirem aceitos ou além mesmo se autoestranharem nessa função. | Cuidado relacionado à maternidade e a mulher. Homens sofrem preconceitos ou não sentem-se a vontade nessa área de atuação. |
| Professor 3 | Há vários fatores que desencadeiam no número restrito de homens-professores na Educação Infantil. [...] destaco que os discursos sujeitam homens e mulheres a determinadas posições/profissões. Dessa forma, podemos analisar que as profissões que tem como atribuições a ação de cuidar, estão mais destinadas às mulheres. Exemplo: Pedagogo (a), nutricionista, enfermagem e etc. Todavia para toda a sujeição há enfrentamento e resistências, que pode ser exemplificado com os homens que assumem tais profissões. | Destaca que há uma construção histórica em que o gênero indica funções para os sujeitos. As mulheres estão associadas ao cuidado, por isso ideal para lidar com crianças. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

QUADRO 9 – Justificativa para maior número de mulheres em relação a homens na Educação Infantil (Acadêmicos)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|--|---|
| Acadêmico 1 | É a questão imposta pela sociedade patriarcal na criação: homem é feito para trabalhar, mulher para cuidar dos filhos e da casa. A escola de Educação Infantil acaba tornando-se uma extensão desse pensamento. [...] A profissão é vista como feminina, porque “quem sabe cuidar de criança é mulher, afinal nasceram pra isso”. Os homens sofrem resistência já durante o curso com dificuldades de conseguir espaços para suas práticas, depois para conseguir colocação no mercado de trabalho ou antes mesmo, preconceito em espaços de estágio obrigatório. | Concepção construída historicamente de que a docência na Educação Infantil está associada a “maternagem”, sendo assim, a profissão de professor é considerada feminina. |
| Acadêmico 2 | É uma questão cultural, no que tange a cultura vigente, a forma de pensar impregnada na sociedade há um bom tempo, o que podemos ver mudar na medida em que mais homens vêm se interessando pela docência na Educação Infantil. No curso de pedagogia podemos observar poucos homens, então se eles forem para outras áreas após a formação, logicamente reduz ainda mais a possibilidade de homens na Educação Infantil. | Implicitamente, diz que há uma questão cultural arraigada em nossa sociedade em que a docência na Educação Infantil é um campo de atuação feminino. |
| Acadêmico 3 | Bom, acredito que existem dois fatores determinantes para que isso ocorra. O primeiro, como já citado antes, é que, geralmente professores homens tendem a atuar em séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Também, o que em minha opinião, consideram o fator mais importante, é o fato de evitar deixar uma pessoa do sexo masculino cuidando de crianças pequenas, o que eu acredito que isso ocorra mais por precaução da escola em relação aos pais. | Deslocamento dos professores para a atuação com turmas de Ensino Médio e Fundamental, devido a não aceitação na Educação Infantil. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

QUADRO 10 – Justificativa para maior número de mulheres em relação a homens na Educação Infantil (Gestoras)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|---|--|
| Gestora 1 | A profissão de professor na Educação Infantil requer que o profissional auxilie a criança em vários momentos específicos de sua estadia na escola. No recrutamento do profissional que irá atuar, a escolha será por aquele que apresentar maiores | Analisando a pergunta, percebe-se (de modo implícito) que a entrevistada diz que mulheres são mais |

| | | |
|-----------|---|--|
| | habilidades e competências. | aptas no cuidado de crianças. |
| Gestora 2 | Acredito que em virtude da tradição da Educação Infantil estar relacionada à “maternagem”. | “Maternagem” como marca da Educação Infantil. |
| Gestora 3 | Percebo ser uma questão cultural e oriunda da história da Educação Infantil. | Concepção histórica da ocupação de mulheres nesse cargo. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

Esta questão (Apêndice B) tinha o objetivo de investigar qual a justificativa para um maior número de profissionais do sexo feminino em relação ao do sexo masculino na docência na Educação Infantil. Analisando alguns relatos dos entrevistados foi afirmado que há preconceito contra o professor homem na atuação com crianças. Ainda foi dito que os homens não se sentem aceitos ou estranham a atuação com crianças dessa faixa etária.

Sobre essa sensação de estranhamento, Porto Alegre (2014, p.15-16) afirma que “[...] sentia que estava ocupando um espaço que não era meu, obviamente, era apenas uma sensação, porque isso é algo que havia sido ‘vendido’ para mim, na verdade, para toda a sociedade [...]”. Os homens não se sentem, por vezes, confortáveis trabalhando na Educação Infantil justamente por ser um espaço de atuação considerado feminino. Devido a este motivo, há um deslocamento dos poucos professores homens para o ensino fundamental e médio.

A pequena participação do profissional do sexo masculino na Educação Infantil é motivada por dois fatores. Primeiro, porque se tem a crença de que o ato de cuidar está vinculado à mulher; portanto, supostamente são elas quem desempenham melhor esta tarefa. Sobre isso, Rabelo e Martins (2006, p. 6169) argumentam que:

A associação da atividade de magistério a um “dom” ou a uma “vocação” feminina baseia-se em explicações que relacionam o fato de a mulher gerar em seu ventre um bebê com a “conseqüente função materna” de cuidar de crianças; função esta que seria ligada à feminilidade, à tarefa de educar e socializar os indivíduos durante a infância. Dessa forma, a mulher deveria seguir seu “dom” ou “vocação” para a docência.

As autoras apontam que essa visão de cuidado associada à figura feminina refere-se à concepção histórica de que a mulher já nasce com uma vocação natural para tal tarefa, pelo fato de poder gerar filhos e ser responsável pela criação dos mesmos. Essa ideia acabou deslocando-se para dentro das escolas destinadas às crianças de 0 a 5 anos.

O segundo fator que motiva a pequena participação da figura masculina na Educação Infantil diz respeito à preocupação das famílias em permitir o contato das crianças com um professor homem. Para justificar esse receio, Felipe (2006, p.214) alega que:

As próprias manifestações de afeto e interesse de homens por crianças pequenas podem ser vistas, nos dias de hoje, com certa desconfiança. Chamo a atenção para um outro aspecto que me parece importante considerar: a idéia corrente de que só os homens são abusadores em potencial, por possuírem uma sexualidade tida no senso comum como incontrollável, quase “animalesca”.

A autora argumenta que de acordo com o senso comum, as pessoas acreditam que os homens têm a sexualidade muito aflorada e por este motivo apresentam um perigo de risco iminente para as crianças. Devido a isso, ao trazer essa concepção para o contexto escolar, qualquer manifestação de carinho de um professor do sexo masculino pode ser mal interpretada.

Conforme dito anteriormente, essa questão tinha o intuito de compreender o motivo de ter mais mulheres do que homens atuando na Educação Infantil. Uma das gestoras responde que no recrutamento profissional deve ser escolhido o candidato que apresentar maiores competências e habilidades. Analisando o contexto da pergunta e a resposta, evidencia-se de modo implícito que a entrevistada acredita que mulheres atendem melhor a este critério.

QUADRO 11 – O gênero exerce influência no modo de cuidar ou não?
(Professores)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|--|-------------------------------------|
| | Não [...] Depende de cada pessoa, da sua formação, seu conhecimento científico [...] a relação entre cuidar e | O ato de cuidar não tem a ver com o |

| | | |
|-------------|--|--|
| Professor 1 | educar na Educação Infantil é muito estreita, pois tanto se cuida educando, quanto se educa cuidando. | gênero do profissional. |
| Professor 2 | Não, pois realmente não vejo diferença entre a forma de cuidar e educar entre homens e mulheres, vejo entre pessoas, mas não por sua identidade de gênero. O que talvez possa fazer alguma diferença é quando o adulto muda seu olhar, o que pode mudar a forma da criança se relacionar com determinados sujeitos de diferentes identidades. | O gênero do profissional não interfere no seu modo de cuidar. |
| Professor 3 | Não observo diferenças entre as ações de cuidado que tenho com os meus educandos, das práticas realizadas pelas minhas colegas. Todavia, sabemos que os discursos em que vivemos subjetivam/performatizam homens e mulheres de maneiras diferentes. Sendo assim, as ações de cuidados prestadas por homens são sempre mais colocadas em xeque (na qual a sexualidade é colocada sob suspeita e até mesmo a própria capacidade para cuidar), do que as das mulheres. Afinal, cuidar tornou-se discursivamente uma ação “natural” do feminino. | Alega que o gênero do professor não influencia na maneira de cuidar. Entretanto, reconhece que há um preconceito quanto a atuação do homem na Educação Infantil. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

QUADRO 12 – O gênero exerce influência no modo de cuidar ou não?
(Acadêmicos)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|---|--|
| Acadêmico 1 | Eu gostaria falar que não, mas sim. Aprendemos logicamente ao longo da nossa formação docente a tratar as crianças de maneira igual, respeitando suas singularidades. Mas sempre haverá um pai que num ato de carinho entre aluno/professor verá de forma natural quando é uma professora e vai virar os olhos achando que o professor homem não deve ter contato com sua filha. | Alega que sim, pois todos os acadêmicos recebem a mesma formação. No entanto, relata que há um preconceito das famílias contra o profissional do sexo masculino. |
| Acadêmico 2 | Não. Por que tudo depende da vivência de cada um, da formação pessoal, acadêmica, de como cada um vê a criança, o olhar que temos sobre o sujeito que ali está. | O que influencia no modo de cuidar são as vivências, a formação profissional e não o gênero. |
| | Sim! Na minha experiência como professor da Educação Infantil, eu tive muitas dificuldades na minha | O gênero exerce influência no modo |

| | | |
|-------------|--|---|
| Acadêmico 3 | relação com as crianças. Digo isso porque crianças de 05 ou 06 anos, gostam muito de abraços, beijos, colos, e um carinho a mais, e eu já ficava um pouco mais receoso ao retribuir, pois nunca sabemos como isso pode ser interpretado pelos olhos de outra pessoa. Um abraço um pouco mais longo, um beijo na bochecha, uma passada de mão no cabelo, ou até mesmo um olhar do professor com mais atenção para um aluno, abre brecha para diversas discussões e que mal interpretadas, podem ser consideradas abuso infantil. | de cuidar, pois o professor homem precisa se auto fiscalizar constantemente, para não ser mal interpretado ou ser visto como um abusador. |
|-------------|--|---|

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

QUADRO 13 – O gênero exerce influência no modo de cuidar ou não?
(Gestoras)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|--|---|
| Gestora 1 | Sim, porque o profissional carrega em sua memória os cuidados que recebeu quando criança e na maioria dos casos é um cuidado diferenciado, no que diz respeito ao gênero. As meninas são princesas e os meninos são heróis. | Responde que o gênero interfere no cuidado. Implicitamente, mulheres são aptas para tal função. |
| Gestora 2 | Acredito que o que influencia no modo de cuidado é a criação e formação social e não o gênero. | O que influencia no modo de cuidar é a formação, e não o gênero. |
| Gestora 3 | Não. Nos dias atuais percebemos o quanto as atividades de cuidado e acompanhamento familiar têm sido divididas no núcleo familiar entre pais (mães e pais) o que revela o quanto a questão de gênero não é determinante para atender as crianças na Educação Infantil. É necessário formação e competência para conhecer e saber escutar as crianças. | O gênero não exerce influência no modo de cuidar, e sim a formação do profissional. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

Nesta questão, seis dos nove entrevistados alegaram que o gênero do professor não interfere no ato de cuidar crianças nas escolas de Educação Infantil. As respostas indicam que os fatores que influenciam no cuidado dizem respeito à criação, olhar sensível, formação acadêmica e social do profissional docente. Mas é importante salientar que um dos professores relata que a sexualidade e capacidade do homem em cuidar são colocadas, na maioria das

vezes, sob suspeita. Uma das gestoras argumenta, também que, com a divisão de tarefas na família, tanto homens quanto mulheres são capazes de cuidar dos filhos. Portanto, o gênero não é um fator determinante para ser professor na Educação Infantil.

Os outros três entrevistados responderam que o gênero do professor interfere na ação de cuidar, sendo que dois deles (acadêmicos) justificam isso devido ao fato de que o profissional homem precisa estar constantemente em “auto fiscalização” por medo de ser confundido com um abusador, ou melhor, preocupa-se com a visão das famílias na relação do professor com a criança. Diante deste fato percebe-se uma estratégia defensiva por parte dos homens que trabalham com Educação Infantil; segundo Felipe (2006, p.214):

Tal situação tem levado muitos profissionais, no campo da educação, por exemplo, a mudarem seus comportamentos frente às crianças, para não serem confundidos com pedófilos. Refiro-me aos homens que trabalham com educação infantil [...] que, para evitarem maiores problemas, procuram não ficar sozinhos com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas – ou mesmo colocá-las sentadas em seus colos.

Por outro lado, a realidade do mundo do trabalho dos professores homens na Educação Infantil, apesar de estar mudando no “discurso” (maior aceitação, não há diferenças em função da qualificação técnica, etc.) há que se considerar e relativizar este contexto, pois uma das entrevistadas (Gestora 1) reafirma o pré-conceito ao dizer que os cuidados que uma criança recebe em sua criação ficam em sua memória e refletem nos seus atos futuros. Percepção que se explica historicamente por Sayão (2005, p.165) ao analisar a tese de Chorodow (1979):

[...] havia significativas diferenças quanto às formas como as mães empreendiam a socialização das filhas em relação aos filhos e a personalidade de uns e outras seria moldada a partir dessas diferenças que vão ficando evidentes nos meninos e meninas desde a primeira infância.

Reforçando a ideia daqueles comportamentos socialmente aceitáveis: se educa as meninas para a maternidade, e assim, produzir nelas um sentimento de cuidado com o próximo, enquanto que os meninos estão educados para

outras atividades distante do cuidado dos filhos. Quando a entrevistada (Gestora 1) enuncia que “as meninas são princesas e os meninos são heróis”, implicitamente diz que cada um recebe uma criação diferente de acordo com seu gênero, o que reforça em sua opinião que as pessoas do sexo feminino apresentam maior capacidade para cuidar de crianças.

QUADRO 14 – O gênero exerce influência no modo de educar ou não?
(Professores)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|--|---|
| Professor 1 | Sim. [...] muitas vezes há uma ausência da presença masculina. Por isso, acontece seguidamente um estranhamento positivo das crianças em relação a um professor homem, visto ter curiosidade de tal atuação em um ambiente majoritariamente feminino. Esse estranhamento também existe por parte dos pais. [...] Uma onde pais de meninas pediram minha saída da turma de Jardim A, por não quererem suas filhas com um professor homem. | O gênero faz diferença no modo de educar, pois muitas crianças que não têm a figura masculina em casa, podem ter na escola. Relata que há preconceito contra homens na docência por parte das famílias. |
| Professor 2 | Não vejo diferença entre a forma de educar entre uma mulher e um homem. Há quem diga que os homens são mais disciplinadores, eu mesmo já ouvi isso de mães, porém, há uma possibilidade de diferença para aquelas crianças que não têm pai presente, mas neste caso, a diferença ocorre da criança para o professor, mas acredito que o mesmo ocorreria em relação à professora, se a mãe não fosse presente e pai sim. Desta forma, entendo que a questão não é o gênero, mas a forma como está constituída a família da criança. | A questão de gênero fica subsumida no estereótipo cultural: disciplinamento masculino, flexibilidade feminina e se relativiza ao remeter para outro lugar social (família). |
| Professor 3 | Não, mas [...] os discursos constroem scripts de gênero que vão normatizando o que é para o masculino e o que é feminino. Dessa forma, da mesma forma que o cuidar, o educar também acaba sendo posicionado para o feminino. Ainda mais na Educação Infantil, instituição feminizada e que atende crianças na mais tenra idade. | O entrevistado responde que não, entretanto reconhece que o trabalho com crianças é tido como uma tarefa feminina. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

QUADRO 15 – O gênero exerce influência no modo de educar ou não?
(Acadêmicos)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|--|---|
| Acadêmico 1 | Creio que não. A formação docente que recebemos é sólida e homogênea. Nossa classe deve ter um planejamento baseado nas dificuldades, aprendizados e potencializar o que a criança produz e reflete sobre si, os outros e o mundo. | Acredita que o gênero não faz diferença no modo de educar. |
| Acadêmico 2 | Não. Nós somos profissionais, nós fomos formados para lidarmos com esses sujeitos, dizer que o gênero diferencia o modo de educar é um erro, pois exclui nosso eu profissional e coloca o gênero como determinante da forma como educamos. | Não acredita que o gênero do profissional faz diferença no modo de educar. |
| Acadêmico 3 | Bom, na questão de educar, eu acredito que o gênero não interfere em nada, pois um profissional, sendo da Educação Infantil ou anos iniciais, deve ser um profissional qualificado, e preparado para dar sua aula, bem como planejamentos e ter um bom referencial teórico que embasa o seu planejamento, e isso qualquer professor ou professora pode fazer. | O gênero não exerce influência no modo de educar, e sim a qualificação profissional do docente. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

QUADRO 16 – O gênero exerce influência no modo de educar ou não?
(Gestoras)

| Entrevistados | Respostas | Significados |
|---------------|--|--|
| Gestora 1 | Depende, porque educar é praticamente ensinar o que é certo ou errado, sendo assim, uma pessoa de bons princípios poderá sempre auxiliar na educação de outras pessoas. | Diz que o modo de educar independe do gênero, desde que o educador tenha bons princípios. |
| Gestora 2 | Não, como disse, o que acho que influencia é a formação moral e social; valores que constituem este sujeito. | Não, o que influencia é a formação do sujeito. |
| Gestora 3 | Não. Para mim cuidar e educar não são ações dissociadas. Portanto, segue minha opinião manifestada na questão 4. [...] a questão de gênero não é determinante para atender as crianças na Educação Infantil. É necessário formação e competência para conhecer e saber escutar as crianças. | O gênero não é um fator determinante na educação das crianças, mas a formação do profissional. |

Depoimentos coletados em entrevista realizada durante os meses de abril/maio 2018

Praticamente todos os entrevistados respondem que o gênero do professor não interfere no modo de educar as crianças. Alguns relataram que um dos fatores positivos em relação à presença do professor homem é que muitas crianças não têm uma figura masculina de referência em seus lares e assim passam a ter na escola. No entanto, isso é relativo na esfera familiar, pois em algumas composições há ausência da figura feminina nas famílias, o que justificaria a presença de uma professora mulher.

Um dos entrevistados citou que há um estereótipo cultural, em que o homem é considerado um disciplinador, enquanto que a mulher é mais flexível⁵. Carvalho (1998, p. 417) aponta que muitos acreditam “[...] que a figura masculina está mais associada à autoridade e que o homem professor seria mais disciplinador ou mais adequado para lidar com casos de indisciplina [...]”. Percebe-se, de acordo com o senso comum, que a figura masculina está relacionada à autoridade/rigidez e esses atributos podem ser vistos como um diferencial no modo de educar.

Sintetizando o que foi discutido nessa seção, ficou evidenciado nos relatos dos entrevistados que para atuar na Educação Infantil o que influencia não é o gênero do professor, mas que este possua uma boa formação profissional, que tenha bons princípios (moral) e competência conhecer e ouvir as crianças.

A título de fechamento da análise, saliento que, por mais limitadas que elas sejam, elas permitem perceber a questão de gênero em nossa sociedade, mais precisamente na escola de Educação Infantil. Este é um espaço de prática social, e como tal, reproduz uma lógica e um modo de ser dos grupos sociais que lá se produzem e se reproduzem. Considerando isso, no próximo capítulo serão apresentadas algumas reflexões acerca das análises realizadas através dos argumentos dos entrevistados.

⁵ Cabe salientar o movimento lógico contraditório do entrevistado: afirma que não considera o gênero do profissional docente como um fator determinante para educar crianças, no entanto, apontou e dá um peso grande aos estereótipos existentes em nossa sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta secção, a título de fechamento da análise, destaco que, por mais limitadas que sejam, é possível fazer um breve “diagnóstico”, pois as situações observadas e descritas pelos entrevistados permitem notar dois movimentos lógicos. O primeiro deles se contrapõe à imagem produzida nas Faculdades de Educação. Talvez porque o senso comum considera a Educação Infantil como lugar exclusivamente para a docência das mulheres.

O segundo movimento lógico é que observar os depoimentos não significa negar a existência do conflito, dos problemas que o senso comum traz sobre a questão de gênero na Educação Infantil. Entretanto, a análise permite constatar que não cabe uma visão relativista (se a questão de gênero mudará com o tempo ou se a noção de maternagem será permanente), mas permite dizer que as escolas de Educação Infantil devem ser compreendidas na sua singularidade técnica da docência que vai além da questão de gênero. Outros aspectos a considerar trazidos pela pesquisa são:

1. O conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social.
2. Na Educação Infantil, a questão de gênero enquanto categoria de análise reforça a pequena (mas, crescente) transformação dos paradigmas do lugar da professora. E, contraditoriamente, a participação do homem como professor na Educação Infantil acrescenta, não somente novas tensões, como também impõe “um reexame crítico das premissas”: ser docente na Educação Infantil.
3. Que docência na Educação Infantil, o gênero é usualmente utilizado como sinônimo de mulheres.
4. Há de se mencionar que a desigualdade de gênero estrutura as demais desigualdades no social e estão muito presas à causalidade

econômica. Entretanto, os salários na Educação Infantil não são diferentes para homens e mulheres; por isso não explicam a opção por gênero nas escolhas gerenciais.

5. Para os entrevistados, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. E, cabe salientar, que o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações que as crianças na Educação Infantil têm sobre a realidade fora da família.
6. O gênero, também, tem um aspecto de identidade subjetiva que oferece uma explicação aceitável. Apesar de incompleta, ainda se apresenta com pretensão universal – cuidado e maternagem são considerados tarefas de mulheres (sempre foi assim, portanto, deve ser aceito. E, deste modo, os pais ficam mais tranquilos).
7. A partir do gênero pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social, bem como as conexões de poder nas relações entre os sexos. Isto é, a pesquisa permitiu de certo modo decodificar e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Para finalizar: entender o gênero significa também reconhecer que homem e mulher são – ao mesmo tempo – categorias vazias que se completam apenas quando são fixadas definições. Fato que ocorre quando se pensa a docência na Educação Infantil.

Nossos entrevistados disseram com todas as letras que há uma concepção dominante, na qual se acredita que as mulheres aprendem a ser femininas, cuidadoras e controladas. Mesmo que os entrevistados não concordem com esta forma de pensar, percebe-se que os homens (professores da Educação Infantil) são vigiados na manutenção de sua masculinidade; e por isso, apresentam dificuldades em assumir o cuidado com as crianças.

A docência masculina torna-se, assim, um simulacro do feminino, porque no fazer docente e no cuidado com a criança, o professor homem tem que buscar uma forma de operacionalizar mais próxima da esperada pelos pais e direção/gestores. Isto é, o mais próximo possível do que a mulher faria; pois ser forte e disciplinador não são características consideradas adequadas para lidar com crianças.

Na docência da Educação Infantil institui-se a crença de que há uma noção que tem por centro o feminino. Deste modo, as diferenças entre os sexos estão estabelecidas de maneira hierárquica. Neste caso, a maternagem e cuidado são construídas historicamente; assim como as noções de masculino e feminino são igualmente históricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. 279 p.

BRASIL. Constituição, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF. 05 out. 1988.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 20 dez. 1996.

BRASIL. Lei n. 12.796, de 04 de abril de 2013. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências**. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF. 04 abr. 2013.

CAMPOS, Maria Malta. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de Educação Infantil. In: **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília: MEC/COEDI, 1994.

CARVALHO, Marília. Vozes masculinas numa profissão feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n.2, p. 406-424, 1998.

FELIPE, Jane. “Afiml, que é mesmo o pedófilo?”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 201-223, jan./jun. 2006.

FLORES, Maria Luiza Rodrigues. **Conversando com educadoras e educadores de Berçário**: relações de gênero e classe na Educação Infantil. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 299 f. Dissertação (Mestrado em Educação) –

Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

FULLY, Viviane Moretto da Silva; VEIGA, Georgea Suppo Prado. Educação Infantil: da visão assistencialista à educacional. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 2, n. 6, p.86-94. 2012.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopses estatísticas da Educação Básica**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 24 abr. 2018.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopses estatísticas da Educação Básica**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 24 abr. 2018.

JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karine. Masculinidades e docência na Educação Infantil. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 545-570, maio 2017. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/39084/34187>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

KUHLMANN JR., Moisés. O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. In: MONARCHA, Carlos, (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. P. 3-30.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006. P. 323-348.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, Maria Izilda Santos

de; SOIHET, Raquel (Orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003. P.107-128.

MEYER, Dagmar Estermann. "Gênero e Educação: teoria e política". In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. P. 9-27.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2006.

PORTO ALEGRE, Andriws. "**Eu também tenho um profe menino!**": o masculino na Educação Infantil. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 37 f. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Educação, curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. "**A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério**". In: VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2006, Uberlândia. Anais. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. P. 6167-6176.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manuel Jacinto. (Orgs.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. Florianópolis: UFSC, 2005. 274 f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SOUZA, Gisele. **A criança em perspectiva: o olhar do mundo sobre o tempo infância**. São Paulo: Cortez, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e Métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANETTE, Jaime Eduardo. **Homens (futuros) pedagogos? Relações de gênero nos caminhos da profissionalização**. São Leopoldo: UNISINOS, 2014. 56 f. Trabalho de conclusão de curso, Unidade Acadêmica de Graduação, Curso de Pedagogia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que autorizo minha participação no presente projeto de pesquisa, bem como a utilização dos dados fornecidos à pesquisadora DANIELLE SILVEIRA MOREIRA da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fui informado (a) de forma clara, detalhada e livre de qualquer constrangimento dos objetivos e forma de desenvolvimento da presente pesquisa. Foi-me garantido o caráter confidencial do questionário e afirmado o compromisso de meu anonimato quanto às informações concedidas. Declaro, ainda, que:

1 – Fui informado (a) de que a pesquisa tem como tema a inserção do homem no trabalho docente com turmas de educação infantil, objetivando compreender as relações entre gênero neste espaço e até que ponto essa questão diferencia ou implica em outro modo de pensar a formação de professores, bem como sua implicação na realidade dos trabalhadores e estudantes da educação.

2 – Serei esclarecido (a) antes, durante e no final da pesquisa sobre quaisquer questões sobre a mesma.

3 – Os dados fornecidos serão utilizados preservando minha identidade e respeitando os objetivos desta pesquisa.

4 – Poderei retirar este consentimento e interromper minha participação nesta pesquisa, em qualquer momento sem qualquer prejuízo.

Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

Pesquisado (a)

Pesquisador (a)

Professor orientador: Paulo Albuquerque

E-mail: albuquerque.paulo@gmail.com

Telefone: (51) 33084144.

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO – EDUCAÇÃO INFANTIL E DOCÊNCIA

ESTA ENTREVISTA FAZ PARTE DE UMA PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL E FARÁ PARTE DE UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). SUAS RESPOSTAS SÃO MUITO IMPORTANTES E IRÃO COMPOR ESTE TRABALHO. NÃO EXISTE RESPOSTA CORRETA, O QUE QUEREMOS É A SUA OPINIÃO.

Muito obrigada!

1. Em sua opinião a questão de gênero é determinante no preenchimento dos diferentes cargos nas escolas de Educação Infantil? Sim ou não? Por quê?

2. Por que você acha que isto ocorre? (somente responda, se a resposta da pergunta anterior foi “**sim**”).

3. Na atuação docente na Educação Infantil, observa-se que há mais professoras do que professores. Por que você acha que isso ocorre? Justifique.

4. Em sua opinião: a identidade de gênero do professor influencia no seu modo de **cuidar** das crianças na Educação Infantil? Sim ou não? Por quê?

5. Em sua opinião: a diferença de gênero faz diferença no modo de **educar**? Sim ou Não? Por quê?
